

A DECISÃO DA FAMÍLIA É TOMADA NA NOITE DE 22 DE JUNHO DE 2002.

Sou eu, Mukhtaran Bibi, da aldeia de Meerwala, da casta dos camponeses Gujjar, que terei de enfrentar o clã da casta superior dos Mastoi, agricultores poderosos e guerreiros. Terei de pedir-lhes perdão em nome da minha família.

Perdão pelo meu irmãozinho Shakkur. A tribo dos Mastoi o acusa de ter “falado” com Salma, uma menina do clã deles. Ele tem apenas 12 anos, e Salma já tem mais de 20. Nós sabemos que ele não fez nada de mal, mas se os Mastoi decidiram assim, nós, os Gujjar, temos de nos submeter. Sempre foi assim.

Meu pai e meu tio disseram:

— O nosso mulá, Abdul Razzak, já não sabe o que fazer. Os Mastoi têm maior presença no conselho da aldeia. Não querem saber de conciliação. E estão armados. Seu tio materno e um amigo dos Mastoi, Ramzan Pachar, tentaram de tudo para acalmar os membros da jirga.* Só nos resta uma chance: é pre-

* Jirga ou panchâyat: tribunal de aldeia encarregado de resolver os problemas à margem da justiça oficial.

ciso que uma mulher Gujjar peça perdão ao clã deles. E nós escolhemos você entre as mulheres da casa.

— E por que eu?

— Seu marido lhe deu o divórcio, você não tem filhos, é a única com idade para fazê-lo, ensina o Corão, é respeitável...

A noite já caíra havia muito tempo e até o momento eu ignorava os detalhes desse grave conflito. Só os homens, reunidos em jirga há várias horas, sabem por que terei de me apresentar perante esse tribunal e pedir perdão.

Shakkur desapareceu à tarde. Sabemos apenas que ele estava no campo de trigo perto de casa, e que agora está encarcerado na delegacia, a 5 quilômetros da aldeia. Fico sabendo pelo meu pai que Shakkur foi espancado.

— Vimos seu irmão quando a polícia o tirou da casa dos Mastoi. Estava coberto de sangue, e suas roupas haviam sido rasgadas. Ele foi algemado e levado, sem que pudéssemos falar com ele. Eu o havia procurado por toda parte, e um homem que estava no alto de uma palmeira, cortando galhos, veio me dizer que vira quando ele foi seqüestrado pelos Mastoi. Aos poucos, fiquei sabendo com o pessoal na aldeia que eles o tinham acusado de roubo em sua plantação de cana-de-açúcar.

Os Mastoi praticam com freqüência esse tipo de vingança. Eles são violentos, o chefe de sua tribo é poderoso e conhece muita gente — homens influentes. Ninguém da minha família ousou ir à casa deles. Esses homens são capazes de surgir de repente na casa de qualquer um, armados de fuzis, para saquear,

destruir e violar. Os Gujjar são inferiores e, por princípio, têm de se submeter à vontade dos Mastoi.

O mulá, o único capaz de fazê-lo, por sua função religiosa, tentou conseguir que meu irmão fosse libertado. Sem êxito. Foi então que meu pai foi se queixar à polícia. Os orgulhosos Mastoi, indignados que um camponês Gujjar ousasse enfrentá-los e mandasse a polícia à sua casa, mudaram a acusação. Disseram aos policiais que Shakkur tinha violado Salma, e que só o deixariam partir se ele fosse para a prisão. Disseram também que se ele saísse da prisão a polícia teria de devolvê-lo a eles. Eles o acusam de “zina”. No Paquistão, *zina* é ao mesmo tempo pecado de violação, de adultério e de relações sexuais fora do casamento. Segundo a charia, a lei islâmica, Shakkur pode ser condenado à morte. Então, a polícia o prendeu por causa da acusação, e também para protegê-lo da violência dos Mastoi, que querem fazer justiça com as próprias mãos. A aldeia toda já está sabendo desde o início da tarde, e por segurança meu pai levou as mulheres da família para a casa de vizinhos. Sabemos que a vingança dos Mastoi recai sempre sobre uma mulher de casta inferior. É uma mulher que tem de se humilhar, de pedir perdão na presença de todos os homens da aldeia, reunidos numa sessão da jirga diante da fazenda dos Mastoi.

Eu conheço essa fazenda de vista, ela fica a menos de 300 metros da nossa. Possui muralhas imponentes e um terraço de onde eles vigiam as cercanias, como se fossem os donos da região.

“MUKHTARAN, VÁ SE APRONTAR E VENHA CONOSCO.”

Nessa noite, eu ainda não sei que o caminho que liga nossa pequena fazenda à residência mais rica dos Mastoi vai mudar para sempre minha vida. Conforme o destino quiser, o caminho será curto ou longo. Curto se os homens do clã aceitarem meu arrependimento. Portanto, estou confiante. Levanto-me e apanho o Corão, apertando-o contra o peito para cumprir minha missão. Ele me protegerá.

Eu poderei ter medo.

A decisão do meu pai foi a única possível. Tenho 28 anos, não sei ler nem escrever, pois não existem escolas para as meninas na aldeia, mas decorei o Corão, e desde meu divórcio o ensino gratuitamente às crianças da aldeia. Está aí minha respeitabilidade. Minha força.

Caminho pela estrada de terra, seguida por meu pai, meu tio e Ghulamnabi, um amigo de outra casta, que serviu de intermediário durante as negociações da jirga. Eles estão preocupados com minha segurança. Até meu tio hesitou antes de me acompanhar. E, no entanto, eu mesma vou caminhando com uma espécie de inconsciência infantil. Não fiz nada de errado. Tenho fé, e desde o divórcio vivo com minha família, longe dos homens, como é o meu dever, com toda calma e serenidade. Ninguém jamais pôde falar mal de mim, como acontece tantas vezes com outras mulheres. Salma, por exemplo, é conhecida por seu comportamento agressivo. É uma moça que fala firme e forte e que se mexe muito. Sai quando quer e vai aonde bem lhe parece. É possível que os Mastoi tenham pretendido

se aproveitar da inocência do meu irmãozinho para dissimular alguma coisa a respeito dela. Seja como for, os Mastoi decidem e os Gujjar obedecem.

Em junho, as noites ainda ardem com o calor do dia, os pássaros dormem e as cabras também. Um cão late em alguma parte do silêncio que acompanha meus passos, e pouco a pouco esse silêncio se transforma em murmúrio. Eu avanço, e chegam até mim vozes de homens enfurecidos. Posso agora vê-los debaixo da única luz que assinala a entrada da fazenda Mastoi. São mais de uma centena, talvez 150 reunidos perto da mesquita, a maioria do clã dos Mastoi. São eles que dominam a jirga. Nem o mulá pode nada contra eles, embora seja a referência de todos os aldeãos. Tento ver se ele está por ali, mas não o encontro. Ignoro nesse momento que alguns membros da jirga, discordando dos Mastoi sobre a maneira de decidir a questão, deixaram a assembléia, conferindo-lhes poder absoluto.

À minha frente, agora, vejo apenas o chefe da tribo, Faiz Mohamed, conhecido como Faiz, e quatro outros homens: Abdul Khaliq, Ghulam Farid, Allah Dita e Mohamed Fiaz. Armados com fuzis e uma pistola. Imediatamente, as armas são apontadas para os homens do meu clã. Eles sacodem os canos, para amedrontá-los e fazê-los fugir, mas meu pai e meu tio nem se mexem. Respeitados por Faiz, eles ficam atrás de mim.

Os Mastoi reuniram seu clã. Uma muralha de homens ameaçadores, excitados e impacientes.

Eu trouxe comigo um véu, e o estendo a seus pés, em sinal de obediência. Recito de memória um versículo do Corão,

com a mão sobre o Livro Santo. Tudo o que sei sobre as escrituras me foi transmitido oralmente, mas é possível que eu conheça melhor o texto sagrado que a maioria desses brutamontes que me olham com desprezo. Agora, terei de pedir perdão. Para que a honra dos Mastoi se purifique novamente. O Punjab, conhecido como a “Terra dos Cinco Rios”, também é chamado de “Terra dos Puros”. Mas quem são os puros?

Eles me impressionam com seus fuzis e seus rostos maus. Sobretudo Faiz, o chefe do bando, grande, forte e armado com uma carabina de pressão. Ele tem um olhar de louco, fixo e cheio de ódio. Mas, se por um lado eu tenho consciência de pertencer a uma casta socialmente inferior, também tenho o senso de honra dos Gujjar. Nossa comunidade de pequenos agricultores pobres tem uma história de vários séculos, e mesmo sem conhecê-la perfeitamente sinto que ela faz parte de mim e do meu sangue. O perdão que vou pedir a esses brutamontes não passa de uma formalidade, que em nada compromete minha honra pessoal. E eu falo, baixando os olhos e elevando minha voz de mulher o mais alto possível em meio ao ruído surdo das vozes dos homens nervosos.

“Se meu irmão cometeu um erro, peço perdão em nome dele, e solicito que seja libertado.”

Minha voz não tremeu. Levantando os olhos, eu espero a resposta, mas Faiz nada responde, balançando a cabeça com desprezo. Segue-se um breve silêncio. Eu oro dentro de mim, e vem então o medo, brutalmente, como uma tempestade de monção, paralisando meu corpo com uma descarga elétrica.

Vejo agora nos olhos desse homem que ele nunca teve a intenção de perdoar. Ele queria uma mulher Gujjar para cumprir sua vingança perante toda a aldeia. Esses homens enganaram a assembléia da jirga, da qual fazem parte, enganaram o mulá, meu pai e toda a minha família. Pela primeira vez, membros do conselho decidem eles próprios uma violação coletiva para impor o que chamam de sua “justiça de honra”.

Faiz dirige-se aos irmãos, como ele impacientes por impor essa justiça. Para afirmar seu poder com uma demonstração de força.

“Ela está aí! Façam o que quiserem!”

Eu estou ali, realmente, mas não sou mais eu. Esse corpo paralisado, essas pernas que bamboleiam já não me pertencem. Eu vou desmaiar, cair no chão, mas nem tenho tempo. Sou arrastada à força como uma cabra que vai ser abatida. Meus braços foram agarrados por braços de homens, que puxam minhas roupas, meu xale e meus cabelos. Eu grito:

“Em nome do Corão, me deixem! Em nome de Deus, me deixem!”

Passo então da noite externa a uma noite interna, em algum lugar fechado onde só a luz da Lua, entrando por uma minúscula janela, me permite ver os quatro homens. Quatro paredes e uma porta, diante da qual se delineia uma silhueta armada.

Nenhuma saída. Nenhuma oração possível.

Foi ali que eles me violaram, na terra batida de um estábulo vazio. Quatro homens. Não sei quanto tempo durou essa tortura infame. Uma hora ou uma noite.